

**PROJETO ASSISTÊNCIA A DOCÊNCIA: CONTRIBUIÇÃO NO PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM DA MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS**

Isabelle Oliveira de Jesus

Acadêmica do 5º período do curso de
Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: loj.let@uea.edu.br

Túlio Figueira Rodrigues

Acadêmico do 4º período do curso de
Licenciatura em Matemática da Universidade do Estado do Amazonas.
E-mail: trf.mat17@uea.edu.br

Ana Michelle de Carvalho Martins

Formadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora Pedagógica do PAD.
Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do
Magistério/DDPM/Semed/Manaus.
E-mail: ana.carvalho@semed.manaus.am.gov.br

Jediã Ferreira Lima

Formadora e pesquisadora do Lepete/UEA/CNPq.
Coordenadora Pedagógica do PAD.
Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do
Magistério/DDPM/Semed/Manaus.
E-mail: jedy.lima@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho refere-se a uma narrativa dos acontecimentos que se desencadearam durante um dia dando sequência a um conteúdo de matemática em um bairro periférico de Manaus para a turma da sétima série, tendo como foco o método interdisciplinar utilizado para a explicação do que são números inteiros. Além disso, também foi possível analisar e registrar o desempenho dos alunos em um momento de volta às aulas e o reflexo do ensino remoto para os anos finais do ensino fundamental dois. Para a realização deste trabalho, utilizamos como metodologia uma abordagem qualitativa, pois com o retorno às atividades presenciais foi possível que continuássemos a aula e percebêssemos o ambiente e as crianças em uma forma não só fictícia e dedutiva, como também física e efetiva.

Palavras-chave: Matemática. Interdisciplinar. Anos Finais. Números Inteiros.

ABSTRACT: This work refers to a narrative of the events that took place during a day, following a mathematical content in a suburb of Manaus for the seventh grade class, focusing on the interdisciplinary method used to explain what are whole numbers. In addition, it was also possible to analyze and record the performance of students at a time back to school and the reflection of remote education for the final years of elementary school two. To carry out this work, we used a qualitative approach as a methodology, as with the return to face-to-face activities, it was

possible for us to continue the class and perceive the environment and the children in a not only fictitious and deductive way, but also physical and effective.

Keywords: Mathematics. Interdisciplinary. Final Years. Integers.

INTRODUÇÃO

Ao definirmos uma profissão e iniciar uma formação acadêmica, nem sempre temos noção do que acontecerá em nossa carreira profissional. Principalmente quando se trata de um curso de licenciatura, em que a insegurança e os imprevistos são ainda maiores.

Na formação acadêmica os graduandos veem muita teoria em relação a seu curso, e na maioria das vezes surgem muitos questionamentos. Estamos certos de nossas escolhas? Queremos ser professores(as) mesmo? Como trabalhar nas escolas? São questões que nos acompanharam inicialmente, visto que o encontro com as teorias, os estudos, pesquisas também nos desafiavam. É difícil relacionar a teoria estudada com a prática que vai exercer sem vivenciar momentos reais sobre o campo de trabalho escolhido.

Foi durante nossas vivências nas escolas que obtivemos respostas para os questionamentos feitos durante o processo de formação. Essas experiências permitem aos discentes de graduação vivenciar na prática o que é visto teoricamente nos estudos acadêmicos, além de fazer com que os licenciandos alcançassem conhecimentos e atitudes relacionadas com a profissão escolhida, por meio de troca de saberes com todos e com o espaço que faz parte do seu ambiente de trabalho.

Através das experiências adquiridas no “chão da sala de aula” que aqui serão relatadas, como os planejamentos de aula quando os professores não deixam material pré-pronto, desdobramento de matéria e intervenção pedagógica quando necessário; é possível observar o quanto o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (LEPETE) auxilia os professores que estão se aprimorando, levando até eles o estudo, assim como os alunos que são cotados como AD para que os discentes das determinadas escolas não percam um dia de aula.

Por isso, o desafio de professores em formação se torna substancial para a melhoria da educação no nosso estado, aumentando cada vez mais a qualificação dos professores e proporcionando para os alunos a aquisição de um conhecimento transmitido por alguém diferente do que eles estão acostumados, ocasionando uma situação completamente nova e enriquecedora, que, além de conseguir despertar o interesse dos alunos através da curiosidade e da dinâmica, propicia o acompanhamento de como foi a aprendizagem com as aulas remotas e quais as consequências que isso trará.

Desse modo, o objetivo desse trabalho é relatar a experiência que foi vivenciada na Escola Municipal Aristóphanes Bezerra de Castro durante a aula de matemática da turma 7º ano B, do professor Dilcelino e quais foram as estratégias

utilizadas para o desenvolvimento da atividade, por meio da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade adquiridas por meio das formações do LEPETE.

RELATOS INTERCRUZADOS: CAMINHOS DA DOCÊNCIA

Consideramos importante narrar um pouco de nossa trajetória rumo ao Ensino Superior, nossa escolha por um curso de licenciatura e do nosso encontro com o Projeto Assistência à Docência. Por se tratar de uma experiência individual, faremos uso da primeira pessoa do singular e intitularemos nossos relatos por nossos nomes.

Isabelle Oliveira de Jesus

O meu trajeto até o ensino superior foi traçado desde o dia em que eu nasci. Acredito até que tenha sido uma das três promessas que o meu pai fez para minha mãe quando eles decidiram por ter um filho: a de que ele/ela iria para a escola técnica, para a faculdade e tiraria carteira de motorista. Bem... antes de ir para a faculdade eu realmente estudava em uma escola técnica, o Instituto Federal do Amazonas (IFAM), onde me formei como técnica em eletrônica e descobri que, apesar de ser boa o suficiente para passar em provas como a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBEMEP) e fazer minha turma ganhar gincanas de jogos estudantis, meu coração não batia tão forte por exatas quanto batia por humanas.

Foi um ensino médio bem problemático, na verdade. Acredito que não dá para ser fácil quando você descobre que não gosta do que foi treinada para fazer (dizer que você não quer fazer exatas quando toda a sua família é de exatas pode ser bem difícil). E passado três anos fazendo algo com o qual não se identifica das 6:30 da manhã até as 17:00 da tarde. Além disso, no IFAM eu percebi o quanto as pessoas podiam estar quebradas por dentro ao ponto de tirar suas próprias vidas, e isso acabou me quebrando também. Com todo mundo que eu conhecia vivendo em uma corda bamba entre vida e morte e eu tinha um dilema interno sobre qual profissão iria seguir, eu sempre fugia dessa realidade nos livros, onde eu podia enxergar apenas o que eu queria ver... meus livros eram minha válvula de escape do mundo real.

Sempre tive uma relação estreita com os livros e lembro muito bem de sempre os ganhar de natal, o que acabou fazendo com que livros para mim significassem segurança e acolhimento. Meus pais e meus tios sempre me estimularam muito a estudar e ler, o que resultou em fazer cursos preparatórios pagos pelo meu pai e ter os livros que eu desejasse, transformando os momentos em que eu desenvolvia essas habilidades fossem quase sempre prazerosos. Assim que meu dilema profissional começou, me senti desorientada, afinal, achava que só sabia me relacionar bem os com números e como nosso relacionamento havia acabado eu estava totalmente sem norte. Eu sabia para onde queria ir –

faculdade-, só não sabia o que eu queria fazer lá. Enquanto todo esse turbilhão de sentimentos não passava, eu mergulhava na leitura para não ter que ouvir o mundo ao meu redor. Pensando bem agora, estava um pouco na cara que Letras iria ser meu curso, mas eu realmente não percebia na hora.

Após fazer as três primeiras páginas de teste vocacional do Google, um teste psicológico vocacional na Universidade Federal do Amazonas - UFAM (sim, eu estava morrendo de medo de tentar algo novo e dar errado), e passar uma quantidade de tempo impressionante pensando nas possibilidades – e todos os testes- cheguei à conclusão de que as opções para mim eram as seguintes: Comunicações Sociais, Letras, Artes Cênicas e Turismo. Nunca havia feito nenhum tipo de curso de teatro ou algo assim, e não tinha cursos de inglês ou alguma outra língua para ir tão longe como queria em turismo, mas eu também nunca havia cogitado em ser professora, então cheguei à conclusão de que seria jornalista e fiquei muito satisfeita com isso.

Quando chegou a hora de colocar o curso no site do vestibular eu tomei um grande susto: não havia jornalismo na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Depois de um pequeno surto, uma amiga da época me aconselhou a colocar Letras só para preencher o formulário da prova, pois na teoria é o mais próximo de jornalismo, visto que não iria fazer diferença já que eu cursaria jornalismo na UFAM. Eu estava tão focada em jornalismo que sequer cogitei que iria permanecer no curso no futuro.

Depois de certo tempo saiu o resultado dos vestibulares e eu descobri que havia passado na primeira chamada pra UEA, mas não havia passado na UFAM. Eu entrei em desespero total e para o meu pânico maior eu sequer estava na cidade para resolver os trâmites. Após uma longa conversa com meus pais, nós decidimos que o ideal seria o representante jurídico (meu pai) fazer a inscrição na Universidade e aguardar a segunda lista de convocação da UFAM, pois seria chamada com toda certeza, pois meu nome era o segundo da fila de espera. Após a volta de viagem e dos vários tramites resolvidos eu já era considerada uma aluna da Universidade do Estado do Amazonas.

Logo no primeiro dia de aula eu senti o impacto: o tamanho da Universidade. Para quem sempre havia sonhado em estudar em um local enorme, ver o tamanho da Escola Normal Superior (ENS) foi um grande balde de água fria, visto que para a Universidade da minha cabeça seria considerada um chaveirinho. Mas voltei com as energias renovadas da viagem e decidida de que queria ser uma pessoa e profissional melhor, apesar de todos os traumas psicológicos que o ensino médio me deu como presente de despedida, então resolvi dar uma chance, afinal, tudo aquilo era temporário, não iria ser professora, e sim ser jornalista.

O tempo foi passando e fui me afeiçoando aos poucos com a faculdade. Os professores são muito capacitados e isso me encantou bastante, além de que participei do meu primeiro trote e fui fazendo cada vez mais amigos (apesar de a

desconfiança trazida do Instituto não deixar com que eu me aproximasse tanto assim deles). Logo nos primeiros dias descobri que não necessariamente quem faz Letras se torna professor e que existe um leque de oportunidades enormes para aqueles que adotassem o curso como profissão para vida, isso fez com que meus olhos brilhassem e meu coração palpitasse de uma forma diferente pelo curso.

Após algum tempo a lista de convocação da UFAM saiu e eu, como previsto, fui chamada; mas concluí que havia me apaixonado pela Universidade, meu curso e tudo que ele englobava. No dia da convocação eu sequer pensei em ir e me senti feliz e segura da minha decisão, tornando-me não só formalmente, mas também psicologicamente aluna da UEA-ENS, e sabendo que estava lá não mais temporariamente e nem por obrigação, mas sim, pelos próximos anos e por ter escolhido aquilo para mim e meu futuro.

Pouco depois dessa decisão, outra bomba caiu sob mim: a empresa do meu pai estava passando por um período de corte de gastos e ele foi demitido. A última vez que meu pai havia sido demitido eu era criança e mal lembrava, então entrei em um pânico total, já que não estava nem um pouco acostumada com essa realidade. No dia seguinte eu pedi ajuda a um veterano que havia conhecido poucos dias antes chamado Patrick James e ele disse que poderia me indicar em um lugar chamado LEPETE, e, claro, aceitei ajuda. Só estava há três meses na faculdade e não fazia a mínima ideia do que era para fazer ou de como as coisas funcionavam, mas eu sabia que queria muito aquele emprego.

Depois de passar por uma triagem eu fiquei um tempo trabalhando como secretária do LEPETE, o que para mim era ótimo, porque eu morria de medo de dar aulas. Mas o dia de dar aula finalmente chegou e de lá para cá o LEPETE me ajudou a conseguir evoluir em vários aspectos, incluindo profissionais e pessoais. Além de vários conselhos profissionais que me tiram cada vez mais o medo de dar aula, os professores me ajudaram a voltar a confiar mais nas pessoas e em mim mesma, e o projeto me proporcionou experiências incríveis, mais nem sempre fáceis.

De escola ribeirinha a escolas em bairros periféricos, o Projeto de Assistência à Docência auxilia muito tanto os estudantes que compõe o projeto quanto os professores participantes e seus alunos, pois é um dos únicos projetos da UEA que proporciona um contato direto com os alunos antes de nós integrarmos oficialmente o mercado de trabalho (além do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - Pibid e do estágio obrigatório) e o único que nos proporciona receber dicas diretas de profissionais que já atuam na área há tempos e presenciar diálogos muito importantes com relação ao futuro da educação e da nossa profissão.

Túlio Figueira Rodrigues

Minha trajetória até o ensino superior foi bastante intrigante. Apesar das dificuldades enfrentadas, minha família me incentivou a estudar. Através dos incentivos do meu irmão, pude perceber que precisava estudar e que a educação mudaria nossas vidas. Assim como os óbices existentes sobre o meu percurso até a faculdade de matemática, também trouxe bastante vontade de aprender e continuar lutando nessa jornada.

Então, a vontade de conhecer mais sobre os mistérios da matemática começou a surgir, foi então que percebi que escolheria o curso de licenciatura em matemática para compartilhar com os outros como podemos ver um espiral em um girassol, ângulos nas estrelas e a dimensão do infinito.

Ao ingressar no curso de matemática, percebi que tinha muito a aprender e que a matemática não era a mesma que eu havia conhecido antes. Os professores falavam muito de como precisávamos nos esforçar bastante nessa nova etapa das nossas vidas. E durante o curso, fui percebendo que aprendemos a cada dia sobre a beleza e a arte de ensinar matemática. Até a metade do curso de matemática, fui monitor de algumas disciplinas, e foi a minha primeira experiência em ajudar alguns alunos que tinham dificuldades com algumas matérias, mas ainda não tinha realmente a experiência de dá aula.

Então, quando tive a disciplina de estágio supervisionado, foi nesse momento em que percebi se realmente queria dá aula, pois até essa parte do curso, ainda não tinha a vivência de ensinar. Mas, devido a bipolaridade depressiva que tenho desde muito tempo, não consegui cursar a disciplina de estágio supervisionado, porque os sintomas da bipolaridade depressiva aumentaram bastante.

Percebi que ao escolher um curso de licenciatura, temos que ter uma responsabilidade maior com o próximo do que simplesmente cursar e não perceber que precisamos nos importar como será a nossa atuação na sala de aula. Quando me falaram do Lepete, não sabia que atuava nas escolas, pensava que o projeto se restringia apenas na unidade da Escola Normal Superior. Então, consegui participar do programa do Lepete, e, foi algo que eu nunca tinha vivenciado antes, foi como se eu estivesse em outra dimensão, porque eu não tinha entrado em uma sala de aula para dá continuidade nos conteúdos disponibilizados pelo professor regente e nem sanar algumas dúvidas dos conteúdos que os alunos estavam estudando.

A ASSISTÊNCIA À DOCÊNCIA: ENTRE ROTINAS E RECRIAÇÕES CURRICULARES NAS SALAS DE AULAS

O projeto AD tem como objetivo oportunizar experiências aos futuros docentes de como acontece na sala de aula. Em meados de agosto de 2021 fomos à Escola Municipal Aristóphanes Bezerra de Castro, e designados à turma do 7º ano B, a qual iríamos acompanhar, observar, e intervir com regências. Depois de recebermos todas as orientações nos encaminhamos para a sala de aula e percebemos que os alunos tinham uma faixa etária em torno dos 12 anos.

Com relação à estrutura, a escola tem uma localização urbana, no bairro cidade de Deus, uma área periférica da cidade de Manaus, e possui dois andares (térreo e primeiro andar) e salas com ar-condicionado, biblioteca, laboratório de informática, quadra de esportes, auditório, sala da diretoria e de professores, além de contar com uma cozinha dentro do local. Bem como possui, também, banheiros dentro e fora da escola e carteiras que sanam a necessidade dos alunos. É possível observar em um passeio rápido pelo ambiente que ele possui algumas salas com janelas quebradas e a maioria das carteiras e paredes está ou pichada ou rabiscada.

No momento em que entramos na sala do 7º ano B, pudemos observar uma sala de aula com estrutura ampla e iluminada, porém necessitando de alguns reparos nas janelas e carteiras. Além disso, todos os alunos mantinham uma distância segura seguindo os protocolos da COVID-19, conforme a orientação da SEMED.

O conteúdo que deveria ser abordado e praticado naquele dia era números inteiros, e nós deveríamos lembrar e exercitar com os estudantes sua adição, subtração e multiplicação. Os exercícios passados pelo professor regente Dilcelino deveriam ser copiados no quadro, então, depois que chegamos à sala de aula nos apresentamos e explicamos o porquê de estarmos substituindo o professor habitual naquele dia, começamos a copiar o exercício na lousa, bem como os alunos.

Depois de terminar a cópia na lousa e verificar a cópia dos alunos, foi possível perceber que grande parte deles estava com dificuldades para assimilar o conteúdo e resolver os exercícios. A partir desse *feedback*, começamos uma intervenção pedagógica através de perguntas que instigassem a curiosidade e a dedução dos alunos, pois sabemos que é de extrema necessidade que os alunos entendam o conteúdo para que sejam capacitados a praticar com os exercícios propostos e, só assim, com a repetição, entender realmente o conteúdo.

Fundamentados em Paulo Freire (1991) e no construtivismo, começamos a adaptar o conteúdo para a realidade dos alunos, fazendo com que nascesse uma significância real para o que estava sendo ensinado e, por isso, eles fizessem uma relação do conteúdo com a realidade e construíssem por si mesmos (com o nosso auxílio) o conhecimento. Segundo Jean Piaget (1982, p. 389), “O professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações-problemas”.

Além disso, Paulo Freire (1991) afirmou que:

Há uma espécie de horizonte, de arco-íris, cujo miolo seria a concepção construtivista da prática pedagógica, com “n” dimensões que se constituem como problemas, como desafios: primeiro, as que dizem respeito aos educadores e às educadoras; segundo, aos que se ocupam em pensar a educação (os pedagogos, os filósofos etc.); terceiro, aos alunos também, que participam da prática pedagógica construtivista, e os pais e mães (p. 1).

Com isso, reexplicamos o conteúdo dialogando com alunos e usando como ferramenta de ensino as próprias experiências relatadas por eles, condições hipotéticas do cotidiano e qualquer objeto contido na sala de aula para auxiliar a explicação e fazer uma ligação realmente relevante com números inteiros.

Em paráfrase à obra de Ponte (2003), é preciso considerar que o conceito de número ocupa um lugar de destaque na matemática escolar, pois adquirir uma compreensão global dos números e operações e saber usá-los de forma flexível para avaliar situações e saber desenvolver estratégias úteis é um objetivo central da aprendizagem matemática.

Dessa forma, do ponto de vista matemático, o conjunto dos números inteiros é de grande importância na formação cidadã dos discentes, pois atualmente o uso dos números positivos e negativos se tornou necessário nas atividades diárias das pessoas como em situações que envolvem temperaturas, saldos bancários, fuso horário, tabelas de campeonatos de jogos esportivos entre outros, e este conhecimento precisa fazer sentido nas práticas dos estudantes.

Ao refletir, sobre uma metodologia de ensino para a matemática é necessário ter em vista o que os estudantes já conhecem. O professor tem que ser o responsável pela mediação entre o conhecimento escolar e as experiências originárias do cotidiano dos alunos, as quais devem ser aproveitadas no processo da aprendizagem.

Dessa maneira, dar um significado no processo de ensino e aprendizagem, estimular o raciocínio lógico e o senso crítico, são caminhos possíveis e importantes enquanto realização do nosso trabalho. Porém, uma das maiores dificuldades encontradas na turma do sétimo ano foi a desmotivação de alguns alunos em relação à própria disciplina de matemática, é como se fosse algo enraizado em todos de que a matemática é algo muito complicado, sem estímulos e falta de prazer nas várias áreas que a matemática pode assumir.

O ensino da Matemática precisa estar em harmonia com a finalidade maior da educação, que é a formação de um sujeito questionador, capaz de intervir, com qualidade, na dinâmica social em que está inserido. Foi possível perceber que, a partir do momento em que adotamos essa estratégia, até os alunos mais desatentos começaram a questionar e a participar mais da atividade, o que foi

ótimo pois durante o período onde observamos os cadernos dos alunos nós percebemos que os que estavam mais dispersos eram os mesmos que tinham mais dúvidas. Além disso, também foi bastante perceptível que os alunos mais “zombeteiros”, que acabavam dispersando o resto da turma com suas piadas, ficavam tímidos e mais retraídos quando recebiam atenção extra, o que indicava que a gozação era uma forma de esconder o fato de não ter entendido o conteúdo e estarem com vergonha de retaliação caso tentassem tirar dúvidas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em um dos encontros formativos proporcionados pelo LEPETE, sobre educação indígena: diálogos interculturais, foi algo muito proveitoso, pois aprendi que o texto do Projeto de Lei (PL) 490 prevê alterações nas regras de demarcação de terras indígenas, e, de acordo com a Constituição Federal, essas demarcações devem ser feitas pela União, por meio da abertura de um processo administrativo pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Não há necessidade de comprovar a data da posse da terra, uma vez que os indígenas são os povos originários, ou seja, já estavam por aqui quando os europeus chegaram.

O PL 490, no entanto, cria um “marco temporal” onde só serão consideradas terras indígenas os lugares ocupados por eles até a data da promulgação da Constituição Federal de 1988. Além disso, fica proibida a ampliação das reservas indígenas já existentes. Ficamos perplexos de como essa lei pode interferir no futuro dos povos indígenas e ao mesmo tempo admirados com a explicação da professora Jeiviane Justiniano, porque ela realmente se importa com os povos indígenas e coloca em prática no seu dia a dia as experiências vivenciadas com indígenas; nós ainda não tínhamos conhecido uma professora assim, que se dedicasse tanto ao próximo.

Dentre muitos encontros formativos marcantes e significativos que aconteceram, um em específico foi muito especial, sendo ele um encontro antes da pandemia e ministrado pela AD Rhanayse Costa, cadeirante, estudante, professora e palestrante, que nos ensinou e demonstrou através de atividades práticas como é difícil ser deficiente de qualquer especificidade no nosso país, a importância de lutarmos por acessibilidade e qual é a diferença entre inclusão e integração.

Portanto, com o valoroso projeto de assistência à docência e os diálogos transdisciplinares e interdisciplinares temos a capacidade de abordar da forma mais didática possível os alunos, interagir de forma única com outros alunos e professores de diversas áreas e contornar qualquer situação adversa que venha acontecer na sala de aula. Vale ressaltar que, conforme a Carta da Transdisciplinaridade CETRANS (1994):

A transdisciplinaridade é complementar à abordagem disciplinar; ela faz emergir novos dados a partir da confrontação das disciplinas que os articulam entre si; ela nos oferece uma nova visão da Natureza e da Realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as une e as ultrapassa (p. 2).

Partindo deste pressuposto, é de suma importância as interligações de todas as áreas do conhecimento, visto que os encontros formativos oportunizam uma dialogicidade e um olhar mais humano no ensino e aprendizagem, bem como a aplicação da práxis in loco, como é a proposta do LEPETE. Dado que a profissionalização é um processo político e pedagógico fundamental para a atuação do futuro docente e do docente no exercício da sua profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os fatos narrados foram frutos de muito aprendizado para os acadêmicos do projeto de AD da Universidade do Estado do Amazonas, pois são através dessas vivências na relação teoria e prática, no chão da escola, que os alunos graduandos têm contato com a propositura de diferentes licenciaturas.

A realização dessa experiência na turma do sétimo ano do ensino fundamental nos proporcionou obter conhecimentos da importância do uso de outras metodologias dentro da sala de aula. Sabemos que as aulas tradicionais são importantes, mas também estamos cientes que não são suficientes para uma aprendizagem, e a utilização da relação dos conteúdos com aplicações no dia a dia vem comprovar o aumento do interesse e a motivação dos alunos na realização das atividades propostas. Nesse sentido, essa relação do cotidiano com assuntos das disciplinas contribuiu para sanar dúvidas não só do conteúdo programático específico daquele dia, mas também dos conteúdos posteriores que serão abordados na disciplina de matemática.

É importante ressaltar que cada pedaço da nossa história foi essencial para conseguirmos fazer nosso trabalho da forma mais profissional e adaptável possível, desde quem fomos antes da universidade, passando por cada encontro formativo e conversa esclarecedora das professoras, até chegar na hora “H” de mostrar os profissionais que estamos nos tornando e tudo que aprendemos no LEPETE na sala de aula. É definitivamente uma experiência revolucionária e única, que promove o florescimento de novos olhares para a docência e uma integração ímpar entre as licenciaturas, ao ponto de que acreditamos que deveria ser proporcionada a cada graduando da área de educação, mesmo que ele não pretendesse seguir na área do magistério.

Dessa forma, sobretudo neste momento de pandemia (2020/2021) que o mundo está passando, a oportunização de conhecimento tanto para o professor bem como para o aluno tornou-se um dos pilares principais na construção das didáticas que revolucionarão o magistério e são/serão necessárias para que o exercício da nossa profissão tenha o maior êxito possível, tanto neste momento atípico quanto no futuro.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **O construtivismo é uma aventura criadora da liberdade**. São Paulo, 1991. Disponível em: <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2017/06/paulo-freire-o-construtivismo-c3a9-uma-aventura-criadora-da-liberdade.pdf>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

PIAGET, J. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 246, 389.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

PONTE, João Pedro da. **Investigação matemática na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PRIMEIRO CONGRESSO MUNDIAL DA TRANSDISCIPLINARIDADE, **Carta de Transdisciplinaridade**. Portugal, Convento de Arrábida, 1994. Disponível: <http://perso.club-internet.fr/nico/ciret/bulletin/12b12cgpor.html>.

ANEXOS

Figura 1 - Orientação de atividades



Fonte: Arquivo LEPETE, 2021.

Figura 2 - Assistente à Docência orientando atividades



Fonte: Arquivo LEPETE, 2021.